

# JORNAL D'OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

## ASSIGNATURAS

Em Ovar, semestre . . . . .	500 réis
Com estampilha . . . . .	600 »
Fóra do reino accresce o porte do correio avulso . . . . .	20 »

## DIRECTOR E PROPRIETARIO

**AUGUSTO DA COSTA E PINHO**

Redacção e administração — LARGO DA PRAÇA — Ovar

Impressão e composição — **TYPOGRAPHIA PENINSULAR**

Rua de S. Crispim, 18 a 28 — PORTO

## PUBLICAÇÕES

No corpo do jornal . . . . .	60 rs. cada linha
Annuncios e communicados . . . . .	50 » »
Repetições . . . . .	25 » »
Annuncios permanentes, contracto especial	
25 p. c. de abatimento aos snrs. assignantes	

## O BREVE

### DOMINUS AC REDEMPTOR

#### II

Expondo as doutrinas dos jesuitas justificamos o breve de Clemente 14.º cuja clamante justiça Pio 7.º affrontou, restabelecendo-os.

O terceiro geral, entrando no concilio de Trento como theologo de Paulo 3.º ao tempo, em que a egreja romana luctava contra metade da Europa, previo quanto seria favoravel á companhia o zelo pelas ambições autocraticas dos papas—e d'ahi as theses sobre os bispos considerados *amoviveis e sem jurisdicção propria*.

A maior parte dos membros d'aquella assembléa, capitulando-as de *impias e subversias*, como eram, ameaçaram com retirar-se, e não foram votadas.

Aqui temos a rasão, porque os jesuitas desde o seu começo foram sempre queridos dos chefes da egreja—não busquemos outra—mas Ganganelli, para quem era um erro e um perigo o aspirar á supremacia absoluta; e que por isso escusava os serviços da ordem geralmente odiada, suprimiu-a, e Pio 7.º, em virtude das crises, porque passou, restabeleceu-a, julgando necessario o seu apoio.

No intuito de que o papado se tornasse um poder temido dos principes e dos povos, quem sonha, que chegaram a restabelecer a theoria de que qualquer individuo podia ser morto á voz do papa d'esse primeiro ministro de J. C.?

Potest verbo corporalem vitam auferre!  
«Sendo pastor deve matar os lobos—potestatem lupos interficiendi.»

Segundo Berllarmino, o grande theologo dos jesuitas, apenas a execução não pertence aos ecclesiasticos—*Executio ad alios pertinet!*

No livro—de Rege—o jesuita Mariana diz aos soberanos—que ninguem do clero soffra um supplicio, nem quando o mereça—vale mais que os seus crimes fiquem impunes!

«Neminem ex sacro ordine supplicio, quamvis merito, susjiciat—Praestat scelera impunita relinquit!»

A cerca de Jacques Clement, assassino de Henrique 3.º, e nessa obra destinada á educação do filho de Philippe 2.º não hesita em escrever o que se segue: *Memoravel, insigne e nobre façanha*, na qual devem instruir-se os principes *impios!*

«Clemente, matando o rei, adquiriu um grande nome mas uma força superior guiava-lhe o animo e o braço».

Ingens sibi nomen fecit—Facinus memorabile, nobile, insigne—sed majus vis vires et animum confirmabat!

De Rege—cap. 6.º pag. 54.  
Deus auxiliava-o, pelo que diz o jesuita, eis os crimes incutidos como vontades divinas—mas é claro que não são os que atacam a *ordem sagrada*—porque esta nem pelos seus merces ser punida: vale mais que fiquem impunes.

Emquanto aos soberanos, «nos

casos ordinarios convem que se decida a sua morte n'uma assembléa, mas na sua falta basta que a *voz publica*, ou o parecer de homens graves, o condemne! E não se receie, diz o theologo, que venha abusar-se d'essa faculdade. As coisas humanas iriam muito melhor, se muitos se arriscassem depressando a vida! «Cap. 6.º—pag. 67

Assim, nem até importa o abuso da tal *faculdade*—quando já em si é perverso, altamente condemnavel, o principio de que a *voz publica* ou o *parecer d'homens graves* possa auctorisar a morte do soberano, ou seja de quem fôr?

Admiremos n'esse theologos, n'esses religiosos, a audacia com que o proclamam.

Depois o bom do jesuita entra em duvida, em escrupulos, se hade aconselhar o emprego de ferro, ou do veneno: afinal decide-se pelo veneno.

Nimirum cum tanta vis est veneni, ut, veste delibuta vim interficiendi habeat.

Não é uma doutrina occulta, mas professada, como se vê, nos livros classicos da Ordem, e ás barbas de um monarcha sanguinario, e pelo mestre do principe real!

Desde que aos papas se reconhecesse o direito de se desfazerem a seu arbitrio dos chefes das nações, como acto legitimo, e aos tribunaes civis não competisse o comdenar qualquer ecclesiastico, o terror do sacerdocio, que já dominava pelo *sancto officio*, seria mais geral e mais profundo.

Não bastavam as fogueiras? Felizmente os *impios*, e por fim os liberaes, se oppuseram a essas religiosas doutrinas, das quaes ainda hoje encontramos uns restos no ensino dos seminarios francezes.

Nas *Instituições Philosophicas*, que redigiu *Bouvier*, bispo de *Mans*, apparece a theoria do assassinato politico, que *muitos* papas, antes dos jesuitas, não duvidaram, em menoscabo do fundador da egreja, proclamar nas suas bullas, contra alguns soberanos, e os seus defensores, e por occasião d'esses exterminios, a que, blasphemando, chamava-se *santos*, e para os quaes concediam indulgencias!

Sanctam exterminationem—diria Innocencio 3.º na bulla contra os *Albigenses*.

Parece incrível!  
Era assim que pretendiam realisar o reino de Deus na terra!

«Os vassallos, diz o bispo de *Mans*, podem assassinar em segredo o malfetor publico, se o principe legitimo o ordenar.

Private publicum malefactorem occidere, si illegitimus princeps jubet.»

Pag. 629—7.ª edição—Editor Méquignon.)

E já que fallámos n'esta obra, (que só por escarneo se diz philosophica) acrescentemos algumas outras das suas maximas edificantes.

«Pode-se prestar juramento ao usurpador, com a intenção de trahil-o na hora opportuna.»

«Um juramento, em vista do seu resultado licito, não pode ser illicito.»

Juramentum enim de re licita

praestitum, illicitum esse non potest.—*Rebus mutatis vinculum juramenti cessat.*

Pag. 604.

N'outra passagem lê-se—que o estado de servidão perpetua, considerado em si é *absolutamente licito*.

Status servitutis, in eo spectatus, absolute est licitus.—Adque non repugnat hominem libertate sua in perpetuum privari. Pag. 566.

Os arautos da philosophia moderna, continua o bispo, aberraram d'estes sabios ensinamentos... sob pretexto de humanidade.» pag. 568.

Odiosas palavras! Onde está o Evangelho?

Com as doutrinas, que expomos, e outras, em que ligeiramente tocamos, juntas á obediencia passiva, ao sacrificio completo da vontade e da consciencia, imagine-se agora quanto seriam perigosos os jesuitas, quanto mereciam ser extinctos!

Lourenço d'Almeida e Medeiros

## AS MARINHAS DE GUERRA

Os seus progressos em 1908

Durante o anno que acabou ha dezeseis dias foram lançados á agua, em todo o mundo, 20 navios de guerra offensivos, deslocando 259:430 toneladas. São elles: 10 couraçados, 174:400 toneladas; 1 guarda-costas couraçado, 3:680; 5 cruzadores couraçados, 58:700; 4 cruzadores protegidos, 12.650.

As nações que lançaram navios de guerra offensivos são em numero de nove:

ALLEMANHA—4 couraçados (*Posen, Nassau, Westfalen e Rheinland*, de 18:000 toneladas cada um; 1 cruzador couraçado (*Blucher*, de 15:000 toneladas); 2 cruzadores protegidos (*Emden*, de 3.600, e *Kolberg*, de 4.300; total, 94.900 toneladas.

INGLATERRA.—2 couraçados (*Colling-Wood e Saint Vincent*, de 21.000 toneladas cada); 1 cruzador protegido (*Bacicea*, de 3.400); total, 45.400 toneladas.

BRAZIL.—1 couraçado (*Minas Geraes*, de 20:000 toneladas).

AUSTRIA.—1 couraçado (*Herzog-Francis-Ferdinand*, de 14.600 toneladas).

ESTADOS-UNIDOS.—2 couraçados (*Michigan e South-Carolina*, de 17:900 toneladas cada); total, 35:800 toneladas.

FRANÇA.—1 cruzador couraçado (*Waldeck-Rousseau*, de 14:000 toneladas).

ITALIA.—3 cruzadores couraçados (*Amalfi*, de 10.100 toneladas; *San Gioglio e San Marco*, de 9.800 cada); total, 29.700 toneladas.

JAPÃO.—1 cruzador protegido (*Mogami*, de 1.350 toneladas).

Vê-se por esta lista que a Allemanha foi, de todas as potencias navaes, a que lançou maior numero de navios, com uma tonelagem dupla da dos navios lançados pela Inglaterra. E' a primeira vez que os estaleiros allemães produzem, no decurso de um anno, mais do que os da Inglaterra.

## As Mondadeiras

Por entre os trigos as mondadeiras  
Enchem as várzeas de cantorias.  
Herva damninha, que bem que cheiras!  
Nasces e affrontas as sementeiras  
E é só por isso que não te crias.

As mondadeiras andam nas mondas,  
De rego em rego, sempre a cantar,  
Troncos curvados, ancas redondas,  
Braços roliços e o peito ás ondas  
Que não se quebram como as do mar.

Nas terras baixas ou nas vertentes,  
Alegres ranchos de raparigas,  
—O' mocidade, nunca mentes!—  
Como as cigarras andam contentes,  
Mas trabalhando como as formigas.

Ranchos alegres, mondando as cearas,  
Que rico assumpto para os pintores!  
Lembram vistosos bandos de araras:  
Saias, roupinhas de chitas claras,  
Chapéus redondos, lenços de côres.

Desde o sol fóra que andam n'aquella  
Faina constante pelos trigaes;  
O' mondadeiras, tende cautella,  
Que o parasita que se debella,  
Se escapa cresce cada vez mais!

E' necessario que o trigo venha  
De palha grossa, de espiga cheia,  
E' quando caia na mó da azenha,  
Não seja o caso que ás vezes tenha  
Joio ou mistura de grãos de aveia.

Dias ridentes de primavera,  
Fecundos dias para a lavoira!  
A natureza se retempera  
Na farta seiva que as plantas gera,  
No sol profuso que os campos doira.

Voam abelhas, picando os ares,  
Em torno ao freixo que as inebria:  
Nos tendaes leves rectangulares,  
Nédios carneiros, aos centenaes,  
São desnudados pela tosquia.

E as mondadeiras, sempre mondando,  
Porque o trabalho não as enerva,  
Põem-se a prumo de quando em quando,  
Erguendo os braços e carregando  
Sobre as cabeças molhadas de herva.

A tarde morre tranquillamente:  
Na freguezia sôam trindades;  
Penetra as coisas e invade a gente  
Como uma benção de paz clemente,  
Que vai cahindo sobre as herdades.

E' já sol posto. Ao longe as nóras  
Gemem na rega dos laranjaes,  
O' agua clara, penso que choras  
E te lamentas, horas e horas,  
Porque alto sóbes e d'alto cáes!

E as mondadeiras voltam das mondas,  
Sachola ao hombro, sempre a cantar;  
Bustos erectos, ancas redondas,  
Braços roliços e o peito ás ondas  
Que não se quebram como as do mar!

Conde de Monsaras

## O MOSTEIRO DESERTO

I

No mosteiro vai fundo o silencio;  
Um silencio que gera terror;  
Só nos tectos, que banha o luar,  
Sólta o mocho seu pio de horror:

Só o vento que gyra nos pateos,  
E se engolfa na escada ogival,  
Ramalhar vem nas folhas dos ulmos,  
Que ladeiam normando portal.

Meia noite. E na crasta deserta  
Não reboam os ecchos do sino,  
Que, vagando, murmuram nas cellas:—  
São as horas do officio divino.»

Mela noite! Bem como na torre  
Voz de bronze dormente parece,  
Til o monge, na dura jazida,  
Preguiçoso do tempo se esquece.

Monge, o brado noturno do sino  
Ao resar não te chama, é verdade;  
Mas talvez já no topo do côro  
Somnolento te espera o abbade.

\*

Nada quebra o romanso da noite  
Pelas gothicas, vastas arcadas:  
Nem de quicios ranger vagaroso,  
Nem murmúrio de lentas passadas.

«Está só o mosteiro?—

Este grito  
Repetiram-no os ecchos inteiro;  
E, bem como em resposta á pergunta,  
Retumbou:

—Está só o mosteiro!—

\*

Pouco ha inda, na alta noite  
Passava no espaço a lua,  
Dos ulmos a cima ondeava  
Negra, qual ora fluctua!

Mas tenebroso silencio  
Não ia, como ora vai:  
Bradava o sino da torre  
Aos monges dizendo:—*orae.*»

E pelos vidros côrados  
Reverberava fulgor;  
De passos no longo claustro  
Soava tenue rumor.

Depois, lá dentro na igreja,  
Em côro alterno rompia  
O canto lento dos monges.  
Que ás vozes do orgam se unia:

\*

Porém, como se ao sopro do archanjo  
A trombeta final retumbasse,  
E da vida o tumulto na terra  
Ao terrível signal expirasse,

Assim do orgam calou a harmonia,  
E dos côros os hymnos calaram,  
E os fulgores das lampadas frouxos  
Das vidraças não mais transudaram.

II

É que o filho dos ermos, renegando  
Das tradições antigas,  
Desceu a pelejar na ardente arena  
Das facções inimigas.

Amar, soffrer, orar era a existencia  
Que lhe tálhara a sorte;  
Enxugar muitas lagrymas na erra,  
E rep-uso na morte;  
Realisar té onde é dado ao homem  
Esse typo ideal,  
Que noz legou o Saviour, tomando  
Nessa veste mortal.

\*

E não o quiz. Sacrilégio, de pobre  
A herança, que a piedade  
Confíara ao ministro de uma crença  
Que é toda caridade.  
Offertou-a, traidor a Dens e aos mortos,  
No altar impio da guerra,  
E, abrindo o manto, sacudiu irado  
A assolação á terra.

\*

De noite no bosque,  
Na gandra deserta,  
No viso do monte,  
Do valle na aberta,

A luz das estrallas  
As armas fulgiam,  
E ouviam se ao longe  
Corceis que nitriam:

Horrendo propheta  
O abutre passava,  
E sobre as encostas  
Calado pairava

Depois, na alvoradar  
Com gritos sem fim  
Suadava de sangue  
Vizinho o festim.

E á voz das trombetas,  
Ao trom dos canhões,  
Ao som das passadas  
De vinte esquadrões;

E em méio do fogo,  
Do fumo alvaccento,  
Em rolos ondeando  
Nas asas do vento,

De agudas baionetas  
A renque brilhante  
Trememente avançava,  
Ao brado de ávantel!

E ao baço ruido  
Dos leves ginetes,  
No palacio calcando  
Da relva os tapetes,

Os ferros cruzados  
Luctavam tinindo,  
Pedes, cavalleiros  
De involta ruindo,

E a ferrea granada  
Nos ares zumbia,  
E aos seios das alas  
Qual raio descia.

E aos ares, revolta,  
A terra espirrava,  
E o globo encendido  
Um pouco se alçava,

E prenhe de estragos,  
Com fero estampido,  
Mandava mil golpes,  
Em rachas partido.

\*

E as horas passavam  
Em scenas de morte:  
E o abutre mirava  
Os trances do forte.

\*

Na garganta da serra ou sobre o outeiro  
Pelo pinhal da encosta ou na campina.  
Nesse dia de atroz carnificina,

Negros uns vultos vageiar se viam:  
A cruz do Salvador na esquerda erguida,  
Na dextra o ferro, preces blasphemando,  
«Não perdoeis a um só!—feros bradando,  
Entre as fileiras rapidos corriam:

E era o monge que bradava,  
E era o monge que corria,  
E era o monge que, blasphemo,  
Preces vans a Deus fazia;  
Vons que, á tarde, nesse plano  
No sangue d'irmão retincto,  
Só restava o moribundo,  
O cadaver só do extincto.  
E por gandas e por montes,  
Aterrados, perseguidos,  
Em desordenada fuga  
Retiravam-se os vencidos.  
E os vencidos eram esses  
Que a esperanza da victoria  
Arrastára, miserandos.  
A uma guerra impia, sem gloria!  
La dos gritos de ralva baldada  
Restrugia o confuso clamor,  
O gemido do mau desgraçado  
Na alma oppressa gerava terro.

\*

Caía em pó o mosteiro; e maldicto  
O que ergue-lo outra vez intentar.  
São não treme ante as nuas cãveiras,  
Que inseputas verá branquejar!

III

Surge a luz da alvorada. Podessem  
Dessas camisas geladas que vejo  
Os bons amigos dos tempos antigos  
Surgir vivos á voz de um desejo!

E que ao longo das vastas arcadas  
Se escutassem seus passos serenos.  
Como se ouve o tranquillo regato  
Sussurrar nestes campos amenos!

Quem então não curvára ante o velho?  
Quem a bençam da mão descarnada,  
Como a bençam do céu. Não pedira  
Da virtude ao poder confiado?

Quem ousára soltar no deserto  
Estridente clangor da trombeta,  
E fazer scintillar pela noite  
A cruel decisiva baioneta?

Quem ousara o sorriso do insulto  
Juncto ao negro edificio soltar,  
E com goso, na mente, por terra  
Suas grimpas jazendo pintar?

Mas ha muito que os bons se finaram;  
Mas ha muito que ás dores fugiram,  
E depois, nesses velhos sepulcros  
Quantos maus inquietos dormiram!

Quem o sabe? Quaes foram? Seus nomes  
Pereceram: ninguém o dirá.  
O que o sabe os julgou; e do abysmo  
Nem um ai o cantor tirará.

Mas, oh harpa, transmitta as saudades  
Do que foi em legado ao porvir,  
E presente, que em breve ha-de o olvido  
Com o seu amplo manto cubrir.

Contarão as canções do poeta  
Tão somente do claustro o segredo.  
Vai a hera vestir estas pedras:  
Cahirá este anno o arvoredor.

Sim, virá a segure insensata  
Da montanha o senhor derrubar!  
Rei deste ermo, que os erros insulta,  
Tu srrás o ludibrio do mar.

Bem antigo é teu cepo. Tu viste  
O mosteiro da encosta crescer;  
Viste o colmo do humilde retiro  
Em arcadas, em torres volver.

Tambem nasce o regato na origem  
Pobre e puro: cem valles passou;  
Vai já rico, mas turvo e soberbo;  
Que a torrente desceu e o turbou.

Como esta aura suave suspira  
Pelos bosques, e as ramas meneia!  
Como a limpha murmura na fonte,  
Sobre a qual pende o melro e gorgeja.

Cala, oh ave! Que importam teus cantos?  
Quem vens tu sandar, cantor do ermo?  
E aos mortos? Aos gosos mais puros  
Pos-lhe a lousa, na terra, já termo.

Tua voz costumava o eremita  
Nos bons tempos folgando sentir:  
Era imagem do céu, que entre as dores  
Do desterro lhe vinha sorrir.

Mas depois affligiu o malvado  
Da avesinha innocente a cantiga;  
Tal os olhos affeitos a trévas  
A cerrar-se luz subita obriga.

Nunca ao impio na dor deu consolo  
Meigo som de cadente gorgeio.  
Que harpa colia lhe adoça o azedume  
De que seu coração está cheio?

Al do meu, cuja vida travada  
Vai de sustos mandados do céu!  
Nunca o sol a acorda-lo tranquillo  
Em seu brilho dos montes desceu.

Mas duas vezes ai delle, se na alma  
Não lhe soa uma voz pavorosa,  
Que o atterre, quando ermo o rodeia  
Ao passar da procella ruidosa!

IV

E' tão doce esta vaga saudade,  
Na solidão das montanhas colhida,  
Para quem entre mil tempestades  
Transitou pelos campos da vida!

Foge a luz: é sol-posto: na aldeia  
Dá o sino esse triplo signal,  
Com que o espirito, erguendo-se a Deus  
Diz ao dia seu ultimo vai;

E o pastor, que o rebanho guiava  
A' malhada, descendo do outeiro,  
Parou lá, e ajoelhou descuberto  
Junto ao velho sósinho pinheiro.

Gloria a Deus! A oração do crepusculo  
Pelo tronco elevado se ergueu,  
E a guia-la ante o throno do Eterno  
Santo archanjo das preces desceu.

Ao piedoso pastor no chão duro  
Brando a noite o repouso trará,  
E por certo em seu leito de morte  
Mais tranquillo inda o somno será.

A estas horas, talvez, nos combates  
Um atheu expirante cahiu:  
Oh, eu vejo-o voltear-se entre as ancias!  
O seu grito final já se ouviu!

A luz fuge-lhe aos olhos: a espada  
Apertou ainda a tenta esgrimir:  
Não a sente: conhece que morre,  
Sem, comtudo, deixar de existir.

Não o crê: abre os olhos a custo:  
Nada o céu, que se enlucta, lhe diz:  
Fecha-os breve: e no extremo soluço  
Pensa e existe, e a existencia maldiz.

E o atheu, que era grande na terra,  
Uma campa terá magestosa;  
E ao pastor naquelle adro da aldeia  
Cubrirá uma gleba relvosa.

Como o atheu e o pastor, nas batalhas  
Mil e mil sem alento cahiram;  
Mil e mil, que em seu sangue este solo,  
Nas fraternas discordias, tingiram!

Essas scenas de pranto e de lucto  
Quem as trouxe a esta terra querida?  
Foi o monge, que em animos rudes  
Instillou o furor fraticida.

Que pediamos nós? Ver abrir-se  
Ante nós da familia o larario,  
E dormir junto aos ossos paternos  
Somno extremo n'um pobre sudario:

Sim, poder, ao mandar-nos a morte  
Nossos corpos aos vermes ceder,  
Ao sol bello, e tão bello, da infancia  
Com saudade inda os olhos volver.

Respondeu-nos da bala o sibillo;  
Respondeu nos o brado de guerra!  
Combatemos. Pertencem na patria  
A qualquer sete palmos de terra:

Isso, ao menos, tê-lo-hemos! Da lucta  
Sabe Deus qual a sorte será:  
Mas á sombra do teixo da infancia  
O proscripto infeliz dormirá.

Cáia em pó o mosteiro; e maldicto  
O que ergue-lo outra vez intentar,  
Se não treme ante as nuas cãveiras,  
Que inseputas verá branquejar!

Alexandre Herculano

## O RAPTO

O Lucas estava radiante, e esperava ansioso o soar longinquo da meia noite para ir, como um cavalleiro andante de ballada romantica, receber nos seus braços tremulos o corpo sublim e vaporoso da sua bella que, a essa hora, devia deixar-se escorregar por uma corda do seu balcão florido — um primeiro andar com dois vasos de mangericão, n'um recanto escuro da rua dos Mercadores.

Para atenuar a sua impacien-  
cia, ia antevendo, de olhos fecha-  
dos e coração papitante, o mo-  
mento feliz em que os seus br-

ços musculosos teriam a ventura inefavel de enlaça, amplexo fremente, o corpo delicado e fragil d'essa inefavel de enlaçar, n'um amplexo fremente, o corpo delicado e fragil d'essa pallida menina, que era o seu ideal—e o enlevo dos respectivos progenitores.

E a sua ventura do caixeiro enamorado tomava as proporções heroicas de um lance cavalleiresco da idade media.

Comparava-se a um Magriço e vagamente, sentia o desejo de entrar tambem em liças e em torneios, de cabelleira ao vento e lança em riste, por sua dama,—a sympathica filha do conceituado commerciante da rua de S. João, senhor Anastacio Gonçalves.

Mas a meia noite aproximava-se e o enamorado Lucas achou prudente embaçar-se e correr á sua aventura.

Aquella hora, a rua dos Mercadores estava completamente deserta.

Lucas deu o signal combinado. Momentos depois, abriu-se a janella da casa do senhor Anastacio, uma corda pendeu ao longo da frontaria, um vulto de mulher deslisou lentamente, como uma açucena desprendida da haste, e o amoroso Lucas pôde emfim estreitar contra o peito esse corpo adorado e casto.

E, sobraçando o precioso fardo afastou-se precipitadamente, no silencio da rua, solitaria.

De repente, estacou, apavorado. Um vulto tragico appareceu ao cimo da rua, em passos cadenciados e graves que eccoam sinistramente na mudez tacita da rua tenebrosa.

Lucas sente-se perdido. Imagina já uma lucta feroz com um rival iracundo, ardendo em zelos. Trata de poisar o fardo precioso e prepara-se para a justa sanguinolenta. Mas, em logar do rival temeroso, que elle esperava, surge-lhe, na gravidade dos seus bigodes façanhudos, um agente da ordem...

O infeliz Magriço empallidece e deixa cahir, desanimado, a dextra que já tinha erguida para esboçar um gesto violento de heroico desafio. Atrapalhado, n'uma voz sumida e balbuciante, procurou murmurar umas desculpas. Mas a Ordem foi implacavel. Citou artigos do codigo, chegou mesmo a fallar vagamente em grande e horrivel crime, e declarou-lhes peremptoriamente que os ia conduzir ao Aljube.

Entretanto, a linda casta raptada descobria o rosto pudibundamente recatado e mostrava aos olhos espantados do Lucas, não a face pallida da filha do mercieiro Anastacio, mas as bochechas rubicundas da sopeira da mesma formosa menina.

Lucas, então quiz protestar e desembuçou-se.

A rapariga ao reconhecer o noivo da *menina*, explicou, ruborisada e tremula, que tinha combinado deixar-se raptar pelo seu adorado 32 da 1.ª, por quem tomara o abananado Lucas, dando isso logar áquella scena.

E' quando o policia, implacavelmente, os empurrava em direcção ao Aljube, os olhos allucinados do aventureiro caixeiro presenciavam um espectáculo que o fazia investivar a Ordem, as sopeiras e as aventuras romanticas.

Da varanda do senhor Anastacio, um vulto de mulher deslisava suavemente e vinha cahir nos braços de um embaçado, que a arrebatava apressadamente e que era sem duvida—o 32 da 1.ª

Thymo.

## NA LUNDA

Confirma-se o desastre das forças portuguezas

O sr. ministro da marinha recebeu, hontem, um telegramma do governador geral de Angola,

confirmando a noticia, que ha dias circulava, de que n'um recontro havido entre a força de occupação militar da Lunda e o gentio tinham sido massacrados o alferes João de Macedo, da guarnição d'aquelle districto, 4 praças europeias e 10 praças indigenas, sendo tambem elevado o numero de feridos.

A occorrença deu-se no dia 12 de dezembro ultimo, no posto militar de Quito, a nordeste e a mais de 500 kilometros de Malange e perto da fronteira congoleza.

D'aquella data para cá, informa o sr. Paiva Couceiro, nada mais tem occorrido na Lunda de extraordinario ou que mereça menção.

O governador da Lunda tem esperanças de descobrir os auctores do massacre, dando-lhes o devido castigo. O alferes Macedo era natural de Amaraite, tinha 34 annos e pertencia á 9.ª companhia indigena de infantaria do quadro occidental.

## NOTICIARIO

## TEMPO

Parece que vamos ter, agora, uma temporada de *bom tempo*.

Estamos na *lua nova* e ella, pelo aspecto, não nos demonstra ser rigorosa em *chuva*.

Provavelmente vae ser *sécca* e fria; mas, por tempo, ha-de vir a ser humida e quente. . .

## PESCA

Não pescaram nada, nem pescarão tão cedo.

Lá p'ra Março.

## ANNOS

Faz hoje annos o nosso amigo o sr. Manoel d'Oliveira Muge. Os nossos parabens.

Hoje effectua-se, conforme annunciámos já, a festividade ao Martyr S. Sebastião, no Largo da Estação. Ha arraial e . . . respectivos *caldos*.

## S. Francisco de Salles

No proximo dia 31 do corrente, terá logar, na Capella do Calvario, a festividade em honra de S. Francisco de Salles, constando, de manhã, de missa solemne a grande instrumental pela orchestra «*Ovarense*» e sermão ao *Evangelho*.

De tarde, pelas trez horas, haverá novena, e, em seguida sermão, *ladainha* e canticos, assistindo tambem a orchestra.

## CAPTURA

A requisição do administrador do concelho d'Oliveira d'Azemeis, foi capturado no dia 22 do corrente mez de janeiro, na praia do Furadouro, d'esta villa, um tal Antonio Lobo conhecido tambem por Antonio Marques, arguido de ter tomado parte n'um furto praticado, no dia 5 de junho ultimo, no logar de Brejo, freguezia de São Martinho da Gandara, d'aquelle concelho.

Foi remettido para a administração d'Oliveira d'Azemeis por intermedio da administração d'este concelho d'Ovar.

## DR. MARCELLINO

Este nosso amigo e dignissimo administrador d'este concelho, nos concursos para conservadores pri-

vativos do registo predial, realizados na semana ultima na sala das sessões da Relação do Porto, a que concorrera, ficou plenamente approvedo.

Os nossos sinceros parabens.

CONTRIBUIÇÕES

Termina impreterivelmente em 30 do corrente o prazo para o pagamento voluntario das contribuições do Estado, cujo prazo, segundo fez constar o Snr. Ministro da Fazenda, não será este anno prorrogado.

Aqui fica mais este aviso que será o ultimo e ficamos certos de havermos cumprido o nosso dever, chamando a atenção dos nossos leitores para um assumpto que tanto lhes interessa.

Major Anthero de Magalhães

Chegou no ultimo domingo a esta villa o valente militar e nosso conterraneo snr. major Anthero de Magalhães.

Um grupo de amigos e admiradores de S. ex.ª prepararam-lhe uma grande e entusiastica recepção. E assim sabendo-se que o major Anthero de Magalhães chegava a Ovar no comboyo das 6,23 horas da tarde, antes d'essa hora centenas de pessoas se dirigiram á estação do caminho de ferro para aguardar o heroico militar. A gare estava coalhada de pessoas mais gradas da nossa terra, que, com balões dependurados nas bengalias, esperavam a chegada de Anthero de Magalhães. No largo da estação uma massa compacta de povo e o corpo activo da Associação Humanitaria dos Bombeiros Voluntarios de Ovar. Na gare, o piquete de serviço. O comboyo chegou á hora da tabella, e apenas entrou nas agulha, toda aquella massa se agita, irrompendo em vivas ao major Anthero de Magalhães, ao heroe do Libollo e Quis-songo, ao exercito, á Patria, etc.

O snr. Anthero da Magalhães desce da carruagem muito comovido e abraçado por varios amigos.

A manifestação continua vibrantissima, e pouco a pouco, os manifestantes, rodeando o destemido militar, vão sahindo para o largo da estação. Aqui as bandas dos Bombeiros Voluntarios e a Ovarense, executam o hymno da carta, e de todas as bôças sahem espantosos vivas a Anthero de Magalhães, á Patria e ao Exercito.

Rapidamente se formou o cortejo, levando á frente uma marcha «aux-flambeaux» seguida dum numero grupo de cavalheiros que empunhavam lindos balões, e do carro do material dos bombeiros, conduzindo alguns socios activos que iam queimando vistosos fogos de bengala.

O sr. major Anthero de Magalhães, cercado por numerosos amigos e admiradores, agradecia visivelmente commovido aquella manifestação, que era expontanea.

Fechava o cortejo a banda Ovarense e centenas de pessoas que durante o percurso, aclamavam freneticamente o nosso sympathico conterraneo.

O cortejo dirigiu-se aos Paços do Concelho, aonde, no salão Nobre da Camara Municipal, foi lida pelo sr. dr. Antonio dos Santos Sobreira, uma mensagem dedicada ao valoroso major Magalhães.

Feita a leitura, usaram da palavra os srs. drs. Soares Pinto, Pedro Chaves, Sobreira e José d'Almeida, e todos estes cavalheiros, em phrases sinceras e eloquentes fiseram o elogio de Anthero de Magalhães.

O intrepido militar, após os discursos, em breves e sentidas palavras agradeceu ao povo d'Ovar a manifestação de que tinha sido alvo, dizendo-a immerecida pois na Africa apenas cumpriu o seu dever de soldado e de patriota, e que a mensagem e a riquissima pasta que acaba de lhe ser of-

ferecida, seria m eternamente guardadas como preciosa reliquia. Em seguida foram levantados entusiasticos vivas ao major Anthero de Magalhães, á Patria, ao Exercito, aos heroes d' Africa, etc.

A sahida do salão da Camara o arrojado militar, assomou á janella do edificio, e a enorme multidão que n'esse momento se acotovelava no largo fronteiro irrompeu em vibrantes aclamações a Anthero de Magalhães.

Em seguida o destemido militar foi acompanhado a sua casa por todos os manifestantes, sendo continuamente saudado e victoriado.

Em frente á casa d'habitação do heroico militar, a manifestação foi ainda mais calorosa. Sua mãe, que é uma santa velhinha, chorava como uma creança.

Anthero de Magalhães, a custo ponde romper por entre a multidão, e assomando á janella, levantou um viva á Patria e outro ao povo d'Ovar, que foram unanimemente correspondidos,

As bandas executaram ainda o hymno da Carta e cá fóra aquella multidão enorme continuou victoriando o Major Magalhães. E assim terminou uma festa tão expontanea como sympathica.

A nossa villa deve sentir-se orgulhosa e feliz. Orgulhosa, por ter sido berço do distincto militar; feliz, por pagar uma divida que havia contrahido com Anthero de Magalhães.

Ao bravo militar e nosso glorioso conterraneo, apresentamos os nossos respeitosos cumprimentos.

A pasta offerecida a Anthero de Magalhães, é de pergaminho forrada a sêda, e contem lindissimos e artisticos dezenhos do nosso amigo e conterraneo, sr. Antonio Dias Simões.

Esteve em exposição n'uma das vitrines da Tabacaria Havanese, sendo ahi admirada por grande numero de pessoas. Na verdade, aquelle esplendido trabalho, faz honra ao artista.

Roubo e aggressão

Manoel Vieira Alves é um rapasola de 21 annos, natural da freguezia de Amiaes de Baixo, do concelho de Santarem.

Parece que a Fortuna o bafejou ha tempos com a quantia de 600\$000 rs na loteria portugueza. O Alves, que é um modesto serrador, logo que viu entrar-lhe o dinheiro pela porta dentro, julgou-se um homem muito feliz.

Começou a viajar por Lisboa e outras terras e, para maior realce da sua fortuna, comprou uma bicycletta.

Vivia feliz e contente, e ha pouco aguçou-se-lhe o appetite em fazer uma viagem ao Norte. Homem do sul, raras vezes se lhe proporcionaria uma occasião tão magnifica para visitar o Porto que não conhecia. Mas o Alves era aventureiro, e no dia 17, meteu-se no comboyo mixto que chega a Villa Nova de Gaya cerca da meia-noite. Descera da carruagem e, arregalando os olhos, viu lá ao longe milhares de luses a tremeluzir.

Perguntou pelo Porto, e logo um individuo que estava passeando na gare, talvez tomando o ar fresco da noite, se lhe abeirou offerecendo-se para o acompanhar á cidade. O Alves aceitou o offerecimento, e ambos se poseram em marcha para a invicta. Pelo caminho, o serrador, de Santarem, abriu-se em confidencias para com o seu companheiro—que tinha sido contemplado com a talada que andava a gosar dos rendimentos, que montava bicycletta e que nas horas d'ocio, se entregava ao sport de serrar madeira.

O outro foi ouvido o papalvo, insinuando-se no seu espirito lórpa e o Alves que por um momento julgou haver encontrado um amigo, dá-lhe o retrato e mostra-lhe o dinheiro—50\$000 reis em bellas

notas do Banco de Portugal—que elle destinou para as despesas da viagem.

A conversa ia deslizando suave e alegremente, e o Porto estava a dois passos.

Ao chegar á ponte D. Luiz I, o companheiro—que era um refinadissimo gatuno conhecido da policia do Porto, promptifica-se a pagar a portagem da ponte. O Alves estava maravilhado com tão gentil amigo.

Mas... estava escripto!—O Alves tinha de pagar aquella bôa companhia por bom preço.

Ao fim da ponte, o gatuno, n'um momento, deitou a mão ao bolso do serrador, arrancando-lhe os 50\$000 reis, e começou n'uma carreira doida, fugindo. O Alves persegue-o, mas o gatuno, que tinha perna leve, a breve trecho desapareceu. O serrador gritou, chorou, arrepelou-se, maldizendo a hora em que se lembrou de vir ao Porto. No dia seguinte apresentou queixa á policia, mas esta, baldamente, procurou o gatuno.

No dia 19, o Manoel Alves sem dinheiro, resolveu regressar a Anciães de Baixo. Foi á estação de Gaya, pediu bilhete para Payal-os, deixando como penhor a bicycletta, o relógio e a corrente. Vinha triste e apprehensivo e apenas o comboyo parava em qualquer estação, o Alves assomava á portinhola, com esperança de poder ainda lobrigar o gatuno. Teve a sorte—ou a infelicidade—de o encontrar na gare da estação d'esta villa.

Quando o comboyo parou, o Manoel Alves, vindo á janella, descobre o gatuno que na gare descansada socegaadamente. No seu olhar accendeu-se-lhe uma immensa alegria. Desceu, correndo, e lançando-se ao gatuno, prendeu-o, gritando ao chefe que o não deixasse fugir, que lhe tinha roubado 50\$000 reis. O chefe capturou o larapio, mas este, vendo-se descoberto, arremassou com uma garrafa á cara do Manoel Alves, ferindo-o.

Grande balburdia e commentarios á farta. Já depois de capturado, o gatuno, que disse chamarse José Tavares de Carvalho, casado, photographo, residente na rua Rocha Pereira, n.º 2, em Villa Nova de Gaya, pediu ao chefe licença para ir á retréte, e ahi, pelo buraco da mesma, arremessou o retrato que o Alves lhe tinha dado na terrível noite do passeio de Gaya ao Porto.

Enviado á auctoridade administrativa, negou o facto.

A auctoridade, depois do interrogatorio a que o submetteu, mandou-o novamente recolher á cadeia. O meliante foi, mas, durante a noite, ruminou o plano da fuga.

E na noite de quarta para quinta-feira, deu ás de Villa-Diogo, deixando um bilhete ao carcereiro no qual, segundo nos consta, diz que não tendo dinheiro para as despesas, o ia buscar e depois voltaria.

E o malandrête lá se pôz ao fresco, deixando na prisão uma mulher, que parece ser sua amante.

O Zé-Hespanhol, de manhã, ao saber que o rapinante tinha fugido, ficou boquiaberto, quasi horripilado!

Veio queixar-se á auctoridade administrativa, a qual, por sua vez, já participou o facto ao poder judicial.

O larapio prometeu voltar. O Zé-Hespanhol que vá tractando de preparar alojamentos para tão illustre hospede.

O pobre serrador de Amiaes ficou sem o seu dinheiro e, ainda para corôação, ficou com o nariz partido.

Oh! os gatunos da cidade são terríveis. Não se contentam somente com o roubar; aggridem ainda as victimas.

O Manoel Alves jura nunca mais voltar ao Porto.

E não é porque embirra-se com a cidade. E' porque não gosta de taes companheiros.

E com razão.

LIÇÕES

Lecciona-se francez e habilita-se para exame de instrucção primaria 1.º e 2.º grau, tanto em casa das alumnas como na Rua de S. Bartholomeu n.º 37.

Acceitam encomendas de flores artificiaes, e da-se lições das mesmas.

Bicyclettes e machinas

de costura

Officina de concertos

Abel Guedes de Pinho, com officina de concertos em bicyclettes e machinas de costura, e com pessoal devidamente habilitado para os mesmos, encarrega-se de concertar qualquer bicyclette, ou machina, por preços relativamente modicos, sem duvida mais baratos do que em outra qualquer casa congénera.

LARGO DA PRAÇA

OVAR

ADOBES

Bem fabricados e de bôa massa. Terra propria para construcções solidas. Vende a preços convidativos.

FRANCISCO CORRÊA DIAS

Rua do Loureiro

OVAR.

AOS CAÇADORES

Antonio da Cunha Farraia participa que tem á venda, no seu estabelecimento, na rua da Graça, nm enorme sortido de espingardas, recebidas directamente da Belgica, e seus accessorios.

Ha tambem variedade em revolvers de diferentes auctores, taes como: Smith, Bull-Dog e Papes, pistolas, etc. etc. Preços muito modicos.

3:500\$000

Vendem-se por esta quantia duas moradas de casas altas, no vas, que rendem quantias superiores a 200\$000 reis, dando juro de 6 %.

Para informações, dirigirem-se a AUGUSTO PINHO

Largo da Praça

AZULEJOS

Finos e de variadissimos gostos, da fabrica de Sacavem e de primeira qualidade a preços convencionaes.

Grande variedade em ouças

Manoel Rodrigues Neves

Rua das Figueiras

OVAR

CONCURSO

A Camara Municipal d'Ovar az publico que, nos termos do § 1.º, artigo 9.º do Regulamento de 9 de Setembro de 1908, é aberto concurso n'este concelho para a adjudicação da venda de milho exotico, cuja importação foi auctorisada por decreto de 21 de Novembro do referido anno.

Os negociantes deverão apresentar as suas propostas á Camara, em carta fechada, até ao dia 27 do corrente, dia em que, pelas 11 horas da manhã, serão abertas.

Essas propostas deverão indicar a commissão minima porque os proponentes se obrigam a faser a venda do dito cereal, sobre o preço porque se possa adquirir o mesmo posto em wagon nas estações do caminho de ferro do Porto.

Ovar, 20 de Janeiro de 1909.

O Presidente da Camara.

Joaquim Soares Pinto

CARVÃO DE COKE PARA

COSINHA

Grande economia!...

Guerra á lenha!...

A 180 reis cada 15 kilos

Vende

Abel Guedes de Pinho

Largo da Praça

OVAR

A Estação

Jornal illustrado de Modas para Senhoras publicando annualmente:



24 numeros de 8 paginas, illustrados com mais de 2000 gravuras representando artigos de toilette para senhoras, roupa branca, vestuarios para crianças, enxovas, roupa branca e vestuarios para homens e meninos, atalhados, objectos de mobilia, adorno de casa, etc. todo o genero de trabalho de agulha, bordado branco e a matiz a ponto de marca, de ornatos, costura ou renda, pontos em claro sobre renda, cambraia ou filó, renda irlandeza, bordado em filó, crivos — todo o trabalho de tapeçaria, tricot, crochet, frivolité, guipure, ponto atado, renda de bilro — flores de papel, panno, pennas, finalmente mil obras de fantasia que seria longo relatar.

O texto que lhes fica junto clara e minuciosamente descreve e explica todos esses desenhos, ensinando o modo de executar os objectos que representam.

12 folhas grandes contendo além de numerosos monogramas, iniciaes e alphabets completos para bordar em relevo ou a ponto de marca, 200... Desprezemos, em tamanho natural, completados, segundo as necessidades com moldes reduzidos indicando claramente a disposição das partes de que se compõe o modelo e mais de 400 desenhos de bordado branco, matiz, soutache, etc. Cumpre notar-se que essas folhas comparadas ás de qualquer outro jornal são-lhes muito superiores, pois que em igual superficie publicam t ou quatro vezes mais material.

36 figurinos de modas, coloridos primorosamente a aguarella por artistas de merito em formato igual ao do jornal

Para prova da superioridade incontestavel d'essa publicação e verificação de que realmente os seus 24 numeros e 12 folhas de moldes contêm maior quantidade de modelos do que outro qualquer jornal de modas, enviar-se-ha gratuitamente um numero specimen a quem o pedir por escripto.

Assigna-se em todas as livrarias, e na de ERNESTO CHARDON — Porto.

Principia no dia 1.º de qualquer mez

PREÇO EM TODO O REINO:

Um anno ..... 4\$000  
Seis meses ..... 2\$100  
Numero avulso ..... 200



O ALBUM de COSTUMES PORTUGUEZES

# ADEGA DO LUZIO

Acharão, decerto, pouco,  
Mas, não chamem TESTA D'UNTO,  
Nem TAPADO, nem BACOCO,  
Porque, por falta d'assumpto,  
Não vae mais, nem mesmo a sócco.

Bons vinhos maduro e verde, tinto e branco, gero-  
pigas finas, aguardentes, azeite a preços convidativos.

Garante-se a pureza de todos os artigos

**ANTONIO DA SILVA BRANDÃO JUNIOR**

# MERCEARIA PINHO & IRMÃO

— LARGO DA PRAÇA —

Os proprietarios d'este estabelecimento, na certeza de que sempre satisfizeram o melhor possível aos seus freguezes, no preço e qualidade dos seus generos e artigos, convidam o respeitavel publico a visitar o seu dito estabelecimento onde encontrarão além de todos os generos de mercearia; um variado sortido de miudezas, artigos de papelaria, drogas, tintas, ferragens, artigos de latoaria, vinhos da Companhia e outra, marcas, etc. etc.

Tabacos e phosphoros para revender

Deposito do Café Moido Especial

O MELHOR E DE MAIS SAHIDA EM OVAR

# TYPOGRAPHIA PENINSULAR

## MONTEIRO & GONCALVES

**PORTO.**

NUMERO TELEPHONICO, 737

Esta redacção encarrega-se de todos os trabalhos typographicos



## O GABÃO ELEGANTE

— DE —  
**AVEIRO**

É e ha de ser sempre o agasalho mais conveniente e elegante contra o Frio, Vento e Chuva e o mais commodo para viagem. E se quereis o verdadeiro só o encontrareis na **ALFAIATERIA DA MODA**

de **ABEL GUEDES DE PINHO**

## ALFAIATE NATURAL DA CIDADE DE AVEIRO

**DEPOSITO DE BYCICLETTE  
RILEY**

E outras marcas; todas as peças precisas para as mesmas. Concertam-se bycicletes

Preços sem competencia



Machinas de Costura das bem conhecidas e acreditadas marca "Opel".

DEPOSITO DE CALÇADO

As machinas de costura da acreditada marca «Opel» são, indubitavelmente, as unicas que poderão preencher todas as exigencias do freguez—leves de andamento, podem ser usadas por pessoas de qualquer idade; o seu ponto elegante torna estas machinas preferiveis a qualquer das outras marcas, sendo tambem de um encantador e maravilhoso effeito em todos os trabalhos em bordadura, razões porque estão sendo usadas, de preferencia nos grandes ateliers de modista e alfaiate das principaes terras estrangeiras. Não comprem, pois machinas de costura, sem verem as da marca «Opel». Dão se todas as instruções e ensina-se o borda gratuitamente.

Vendas a prestações de 500 reis semanaes.

Ha á venda todos os accessorios, taes como: Oleo, vazelina para conservar os nickelados, agulhas para todas as marcas etc, etc.

Concertam-se machinas de costura de todas as marcas e accetam-se machinas velhas em troca das novas.

**Preços muito reduzidos,**

**ABEL GUEDES DE PINHO**

Largo da Praça n.º 46, 47 e 48—OVAR

OFFICINA E ESTABELECIMENTO  
DE CALÇADO

DE

**VICTORINO TAVARES LISBOA**

**S. João da Madeira**

(Oliveira d'Azemeis)

O proprietario d'esta officina,

vende, em todos os domingos, na praça da hortaliça, d'esta villa, calçado em todas as côres, para homem, senhora e creança; encarregando-se tambem de executar com esmerada perfeição e modicidade de preços, toda a encomenda de qualquer obra concernent á sua profissão.

—Sendo preciso, em qualquer dia da semana, fazer-se encomendas, o proprietario virá tambem a esta villa, a casa dos freguezes, que para isso o avizem pelo correio ou pessoalmente

**Fabrica de corôas**  
e flores artificiaes

PREMIADA COM MEDALHAS DE OURO em todas as exposições a que tem concorrido

**COROAS FUNEBRES**

**RAMOS para altar.**  
Grande sortido de plantas para adorno. Flôr de laranja, e todos os aprestos para flores.

DEPOSITOS NA PROVINCIA

COIMBRA — Manoel Carvalho  
Largo do P. D. Carlos.

FIGUEIRA DA FOZ — José Neves Zuzarte  
Praça de Camões.

SANTAREM — Fonseca & Souza.

BRAGA — Pinheiro & C.